

INSTANTE DECISIVO COMO ACONTECIMENTO NO DISCURSO FOTOGRÁFICO

Leny PIMENTA¹⁹

Dionéia M. MONTE-SERRAT²⁰

Resumo: Propomos o uso do conceito de instante decisivo, da fotografia, para desconstruir os efeitos ideológicos óbvios encontrados no discurso. O sujeito se constitui na enunciação e seu discurso polissêmico destoa da transparência do sentido. De acordo com Pêcheux (1988) as contradições no discurso instalam, simultaneamente, regularidade e instabilidade dos sentidos remetendo o discurso ao equívoco, ao acontecimento. A fotografia desestabiliza o já-formulado e faz emergir o novo, o sentido inesperado, instante decisivo. Analisaremos esse processo na foto de Sebastião Salgado - “O berço da desigualdade está na desigualdade do berço”. (CAPES-BEX 4394/10-0, FAPESP 09/54417-4, CNPq).

Palavras-Chave: Discurso. Ideologia. Sujeito. Acontecimento. Instante decisivo.

Abstract: *With the photography's concept of decisive moment we deconstruct the obvious ideological effects in the speech. Subject (effect of language) has a multifaceted discourse, different from ideology of transparency. According to Pêcheux (1988), the contradictions in the speech install, at the same time, order and instability of the senses which takes to the misconception, to the event. The photography gives a non stabilization to the sense and makes a new sense, an unexpected sense. We may show this process by a Sebastião Salgado's photo – “The cradle of inequality is in the inequality of the cradle”. (CAPES-BEX 4394/10-0, FAPESP 09/54417-4, CNPq).*

Keywords: *Discourse. Ideology. Subject. Event. Decisive moment.*

¹⁹ Diretora Presidente da Escola Monteiro Lobato-COC Ensino Médio, Franca, SP, Brasil. Membro do grupo de pesquisas AD-Interfaces, cadastrado no CNPq e coordenado pela Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni, FFCLRP-USP. E-mail: leny@cocfranca.com.br

²⁰ Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP, Brasil. Doutorado Sanduíche na Sorbonne Nouvelle, Paris, sob co-orientação do Prof. Jean-Jacques Courtine, set/dez 2010, CAPES-BEX 4394/10-0; estágio de doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, Paris, sob orientação do Prof. Marcello Carastro, fev. 2012, FAPESP 09/54417-4. Membro do grupo de pesquisas AD-Interfaces, cadastrado no CNPq e coordenado pela Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni. E-mail: di_motta61@yahoo.com.br

*“[...]A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem de suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo. (...)”
(Manoel de Barros)*

Introdução

Nossa intenção ao articular o conceito de “instante decisivo” da fotografia à análise discursiva de uma foto de Sebastião Salgado (SALGADO e BUARQUE, 2006) - intitulada “O berço da desigualdade está na desigualdade do berço” -, consiste em tentar escrever sobre o que seria “a arte de refletir nos entremeios” (PÊCHEUX *apud* ORLANDI, 2006, p.7), que instaura novos gestos de leitura a partir de um procedimento que desconstrói o “universo logicamente estabilizado” (idem, p.8). As aparências, as evidências, o óbvio são postos em questão para desconstruir o olhar naturalizado que, segundo Pêcheux (1988), decorre de um efeito ideológico.

A expressão “instante decisivo” traz encapsulada a noção de pontos de fuga, pontos em que o sentido “escorrega”, pois, ao escolhermos determinado sentido, sentimo-nos escolhidos, deslocados para lugares insólitos e para sentidos outros, diversos dos propostos pela imagem fotográfica, a qual captura um algo a mais. Se a fotografia não é só a reprodução estática da realidade, então ela pode ser compreendida como uma experiência estética, como uma arte que faz ligação entre imagem e desejos, interpretações, sensações, memória. A fotografia se faz discurso por um sujeito que a aprecia; por meio dela podemos “transver” o mundo. “Transver” é “ir além de”, nas palavras de Manoel de Barros (2006); é enredar-se na teia de outros discursos e de outras vozes, fazer a memória reconhecer que é atravessada por palavras já ditas, atualizadas pela historicidade (BARROS, 2006). Para articular esses conceitos de memória, discurso, fotografia e deslocamento de sentidos, recorreremos ao filósofo francês Michel Pêcheux e à sua teoria da Análise do Discurso.

Memória e sujeito nas formações discursivas

O conceito de discurso de Pêcheux (1988) não reside na superfície de uma frase. O autor leva em conta, para defini-lo, efeitos de sentidos entre interlocutores situados em um contexto sócio-histórico. Ele (PÊCHEUX, 1988) toma o conceito de formação discursiva (FD), desenvolvido por Foucault ([1969]1997), para relacionar a produção de enunciados que obedecem às mesmas normas de formação e que remetem a uma mesma formação ideológica (FI). Assim compreendida, a formação discursiva (FD) determina o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social historicamente determinado. Dentro desse raciocínio, podemos compreender que as palavras, quando enunciadas, adquirem um sentido por se relacionarem a posições ideológicas que já existem no processo sócio-histórico; enfim, as palavras relacionam-se a um exterior ideológico demarcado pelas formações ideológicas (GREGOLIN, 2011).

Em determinado momento, Michel Pêcheux (*apud* GREGOLIN, 2011) reformula o conceito de formação discursiva (FD) em sua teoria materialista do discurso, para realçar o fato de que os processos discursivos se desenvolvem sobre uma base linguística, e que, ao mesmo tempo, se inscrevem numa relação ideológica baseada na contradição. Para Pêcheux, essa contradição existente nos discursos não pode ser percebida facilmente devido ao fato de que, na formação discursiva (FD), ou seja, dentro daquilo que estabelece o que pode e o que não pode ser dito, há uma dissimulação. Esse efeito, segundo Pêcheux (1988) se dá por meio da transparência do sentido, da ideologia. O autor explica que os Aparelhos Ideológicos do Estado, AIEs (ALTHUSSER, 1999), abrigam a instância ideológica e produzem-reproduzem a sociedade, o Estado e os sujeitos “livres e iguais” como “evidências naturais”. Essa base contraditória da relação ideológica dissimulada pela transparência do sentido faz com que a instabilidade e a heterogeneidade das formações discursivas (FDs) se tornem de difícil percepção pelo analista do discurso (GREGOLIN, 2011), pois algo “fala sempre, antes, fora ou independentemente” e influi na constituição do sujeito e dos sentidos no processo discursivo (PÊCHEUX, 1988, p.147).

Courtine (*apud* GREGOLIN, 2011) propõe pensar as formações discursivas como se fossem fronteiras que se deslocam, como algo cujo movimento é impulsionado pela memória discursiva. Assim, pode-se explicar o fato de que toda formação discursiva (FD) tem relações com outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, de modo a fazer com que se produzam certos efeitos de memória específicos. Para Gregolin (*op.cit.*) a noção de formação discursiva está articulada à noção de memória, cujo trabalho leva à produção de uma lembrança ou de um esquecimento, leva à

reiteração ou ao silenciamento de enunciados. Segundo a autora (op.cit.), o conceito de formação discursiva integra as noções que Foucault ([1969]1997) desenvolve sobre acontecimento, práticas discursivas e arquivo, de modo a fortalecer a relação dialética entre singularidade e repetição, regularidade e dispersão. Essa relação dialética articula algo que foi enunciado com o passado e, também, com o futuro da história (a qual atua na constituição desse enunciado e o determina).

O fato de a memória levar a uma tensão entre as fronteiras das formações discursivas produz instabilidade nos sentidos e traz, segundo Gregolin (op.cit.), a ideia desenvolvida por Pêcheux (1990, p.56-57) de que “todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas”, um “trabalho de deslocamento” das formações discursivas dentro das redes de memória e dos percursos sociais dos sentidos. É nessa tensão que Pêcheux (1990, *apud* GREGOLIN, 2011) identifica a existência de uma reorganização do enunciado, que se desloca discursivamente de um sentido e deriva para outro. Nesse caso, o contexto sócio-histórico e os meios de circulação do discurso são considerados como algo que não pode ser dissociado dos enunciados; são como um suporte material que sustenta os discursos (idem).

Com essa rápida explanação da teoria discursiva, não fica difícil compreender que, ao lado dos discursos determinados pelas formações discursivas (FDs), Pêcheux ([1982] 1997, p.57) contemplou a existência de uma “memória sob a história que sulca o arquivo não escrito dos discursos ‘subterrâneos’”; a existência de conflitos que remetem em oculto a “clivagens subterrâneas, diferentes e/ou contraditórias, de ler o arquivo”. Esse processo contraditório em que se constitui o discurso leva-nos a dar importância e a observar fragmentos da enunciação que poderiam passar despercebidos. É nessa dialética que envolve regularidades e instabilidades de sentidos no discurso verbal ou não-verbal, que incluímos a fotografia, a fim de relacionarmos o conceito de instante decisivo - como simultaneidade de acontecimento e expressão de formas, de que fala Bresson (2011) -, com o conceito de acontecimento discursivo desenvolvido por Pêcheux (2006).

Acontecimento

Pêcheux (2006, p.9) se interroga - ao observar enunciados que remetem aos mesmos fatos e não constroem as mesmas significações - sobre o motivo pelo qual não se leva em conta, em um mundo “semanticamente normal”, a “região do equívoco em que se ligam materialmente o inconsciente e a ideologia”. Nesse questionamento, propõe a noção de acontecimento, que, sobredeterminado por um jogo metafórico em torno do enunciado, faz sobressair a equivocidade do

sentido desse mesmo enunciado (op.cit., p.22). Quando o autor (op.cit.) propõe a comparação entre os “espaços discursivos logicamente estabilizados” e o “real”, afirma que neste último há “pontos de impossível” em que “há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito” (op.cit., p.29).

Para Pêcheux (2006, p.51), há algo estrutural na materialidade discursiva que é da ordem do simbólico e faz com que o sentido se transforme, escape a qualquer norma estabelecida a priori e seja tomado “no relançar indefinido das interpretações”, apresentando um “caráter oscilante e paradoxal” (op.cit., p.52). Quando o sujeito interpreta, não o faz de maneira desregulada, pois, nesse caso, as “redes de memória” dão lugar a “filiações identificadoras” (PÊCHEUX, 2006, p.54-55), que colocam “o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado”, marcado, este último, pelo espaço social e pela memória histórica.

Podemos afirmar, então, que um objeto qualquer, uma fotografia, por exemplo, pode reclamar interpretação, causar questões e colocar o discurso de um sujeito em movimento na história e na língua. A significação está do lado do sujeito que o vê, relê, transvê, interpreta; e não do lado do objeto. E se descobrimos e construímos sentidos, há sempre algo que nos escapa, pontos de impossível que chamamos, a partir da perspectiva da psicanálise e da Análise do Discurso, de real. (LACAN, 1998a; PÊCHEUX, 2006).

A fotografia abarca efeitos do real, pois na escolha da captura da imagem e nos elementos obscuros dessa escolha, deparamo-nos com algo que não sabemos de que se trata. Exemplo disso é o do fotógrafo capturado, que ao se dispor a buscar algo com sua objetiva, conclui: [...] “eis aqui, portanto, finalmente, a definição da imagem, de toda imagem: a imagem é aquilo de que sou excluído” (BARTHES, 2007- p.211). O olhar é deslocado pela ordem do desejo do objeto a ser capturado, e o fotógrafo fica à mercê desse efeito.

A fotografia, como arte que requer o uso da sensibilidade, leva ao reencontro com o lugar de origem de um “déjà vu”, com o familiar. Ela pode ser tomada como o lugar do encontro entre estrutura e acontecimento do discurso, assim descrito por Pêcheux (2006, p.19 e 23): “O acontecimento [...]em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar” faz trabalhar aquilo que advém da estrutura, por isso ele é passível de diversas significações, polissêmico, heterogêneo, polifônico e “com uma estabilidade lógica variável”.

Instante decisivo

Ao falarmos na relação entre imagem e realidade, falamos também de um sujeito que se faz suporte dessa relação. A subjetividade é fundamental para que possamos articular a teoria da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1988) ao que Bérgeon (1990) chama de dinamismo da memória (memória-hábito) e ao conceito de instante decisivo como acontecimento discursivo, um momento fugaz, em que a deriva parece deter-se. O sujeito, como suporte, é afetado pelo lado da estabilidade e ao mesmo tempo pelo insólito. Se a fotografia fosse compreendida apenas como uma mensagem sem código (BARTHES, 2007), como manipulação de sistemas em que são valorizados apenas tonalidades, linhas e superfície, o sujeito não teria importância nesse processo. Mas ela pode provocar a emergência de sentimentos e emoções mesmo à revelia desse sujeito-suporte.

O conceito de instante decisivo está relacionado ao conceito de tempo. Segundo Lacan (1998a, p.197-228), o tempo, definido como tempo lógico, abarca o instante de ver, o tempo para compreender, e o momento de concluir. No tempo lógico, um “devir”, uma assertiva antecipatória, segundo Lacan (op.cit), vai revelar o sujeito ambivalente que, ultrapassado, ultrapassa a alienação e inscreve sua singularidade no campo universal. Seria possível, então, que a foto eternize uma imagem, mesmo que seja uma “verdade” fabricada?

A fotografia comporta esse paradoxo, pois, a imagem captada, ao mesmo tempo em que apreende a realidade, reflete o ponto de vista de seu autor e revela marcas discursivas. Cartier-Bresson (2011), diante da foto de Martin Munkasci – em que três meninos negros e nus, vistos de costas, saem correndo em direção às ondas do mar numa coreografia de dança - ficou implicado pelo movimento, pelas formas livres praticamente congeladas na foto.



MUNKACSI ([1929]2012)

Bresson (*apud* TÉRIADE, [1952]2011, s. p.) se impressionou com essa foto e passou a conceber a fotografia como “um reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, do significado do acontecimento, bem como da precisa organização das formas que dá ao acontecimento sua exata expressão”²¹. Esse processo provocado pela fotografia é denominado instante decisivo, e nos leva a compreender a realidade social para além daquilo que se observa do cotidiano e dos ritos sociais.

O instante decisivo como acontecimento discursivo na fotografia

A Análise do Discurso (AD) pêcheutiana é um amplo campo de estudos onde encontramos os conceitos necessários para a análise do acontecimento na cadeia discursiva, pois, como já afirmamos, o discurso consiste em efeitos de sentido entre interlocutores inseridos na história e que se utilizam da materialidade da linguagem. Nossa tentativa de estabelecer um diálogo entre a AD e a fotografia tem como escopo compreender de que maneira o sujeito se constitui dentro de uma prática social historicamente determinada, sem se dar conta de que essa prática direciona seu olhar e que, apesar desse “controle”, discursos com sentido inesperado emergem.

Tomando a fotografia como prática discursiva, como processo histórico e produto da linguagem (segundo a teoria da AD), utilizamos, na interpretação dos sentidos, articulações que os enunciados estabelecem com a história e com a memória. Compreendemos que a memória não é apenas um conjunto de experiências que ocorreram em tempo e espaço diversos dos do momento presente, mas é a memória discursiva, que constitui os sentidos e amarra o discurso do sujeito à ideologia que o interpela. Segundo a teoria da Análise do Discurso pêcheutiana (ORLANDI, 2007, p.10), existe um “duplo jogo da memória: o da memória institucional, que estabiliza, cristaliza e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro” (ORLANDI, 2007, p.10). A memória, como interdiscurso, como condição de produção do discurso, faz funcionarem as demais condições de produção deste (contexto, protagonistas e objeto), trazendo efeitos sobre a compreensão e a interpretação. Como nos propusemos a interpretar uma fotografia, embora haja o “sentido-lá” da memória, poderemos perceber descontinuidades, rupturas no sentido interpretado. Isso se dá pelo fato de que a fotografia,

²¹ *Une photographie est pour moi la reconnaissance simultanée, dans une fraction des secondes, d'une part de la signification d'un fait, et de l'autre, d'une organisation rigoureuse des formes perçues visuellement qui expriment ce fait* (BRESON *apud* TÉRIADE, [1952]2011, s. p.).

como arquivo, relaciona práticas institucionais, culturais, políticas e econômicas de um sujeito assujeitado à ideologia, a práticas da memória constituída pelo esquecimento. Buscaremos “desnaturalizar” os sentidos postos pela ideologia das práticas institucionais e tentaremos expor os processos discursivos em que a “evidência” do sentido emerge; buscaremos refletir sobre a fotografia ao modo colocado por Manoel de Barros (2006): vamos “transver” a fotografia, observar o que está para além do óbvio que ela propõe.

Análise de uma foto

Sebastião Salgado (SALGADO e BUARQUE, 2006) é o fotógrafo escolhido. Sua foto intitulada “O berço da desigualdade está na desigualdade do berço” foi registrada na região do cacau, na Bahia, em 1990.



“O berço da desigualdade está na desigualdade do berço”

(SALGADO e BUARQUE, 2006, p.92-93)

A aproximação entre o texto enunciativo “O berço da desigualdade está na desigualdade do berço” e a imagem da foto, exige do observador um raciocínio elaborado que alie a ideia do texto àquilo que pode ser visto. Esse processo leva o observador a dar significado à lacuna entre a

fotografia e o enunciado, rompendo a linearidade interpretativa do sentido que seria supostamente transparente; exige possíveis analogias que estabeleçam uma relação entre “berço” e “desigualdade”.

A possibilidade de outras interpretações, provocadas pelo texto que intitula a foto, pode ser explicada pela perspectiva psicanalítica da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1988). Esta leva em conta a dimensão de efeito do significante proposta por Lacan (1998a, p.196), levando-nos a concluir que

a subjetividade é um lugar que cumpre dupla função: a de evidenciar o assujeitamento e a de evidenciar a subversão deste. A manifestação do inconsciente abre oportunidade para que surja algo novo; o inconsciente “faz jogar sem cessar a ruptura entre os conceitos e a linguagem que os encena” (LEITE, 2005, p.79); produz “continuamente uma formidável disjunção [...] entre a língua e o processo de conceitualização” (REY, 1981, p.159). Essa dupla função da subjetividade apontada pela psicanálise delinea a economia simbólica, de modo que, de tempos em tempos, sejamos capazes “de romper o círculo vicioso que gera o fechamento ‘totalitário’” (ZIZEK, 1996, p.34) (MONTE-SERRAT, 2011).

Segundo o ensinamento de Lacan ([1957]1998b, p.501) “nenhuma significação se sustenta a não ser na remissão a uma outra significação”. O movimento de busca de arquivo, constituído de dizeres sob dizeres, leva a constante tensão entre apagar e eleger sentidos, eternizando uns e silenciando outros.

Levar em conta a contradição histórica é tomar o arquivo como um lugar discursivo de tensão. Se há arquivo é porque há, ao mesmo tempo e de forma contraditória, o aparecimento e o apagamento, da “memória dos acontecimentos”, representados, estes últimos, por uma inserção da materialidade em determinadas condições histórico-sociais, levando à produção do acontecimento como efeito de uma dispersão material (FOUCAULT [1971]2003, p.53-58).

Podemos observar o diálogo estabelecido entre duas ideias na oração “O berço da desigualdade está na desigualdade do berço”, de maneira a estranhar o fato de o enunciado “berço da igualdade” ser invertido para “desigualdade do berço” e assumir um deslizamento de sentido, fazendo emergir diferentes vozes. Na primeira vez em que aparece a palavra “berço” há um sujeito enunciativo falando de um lugar universal em que atribui ao “berço” o sentido de “lugar onde se nasce”, “país”. A segunda vez em que “berço” é mencionado, há nova significação a partir da posição sujeito como parte de uma coletividade, trazendo o sentido de “lar”. Esse lugar coletivo a partir do qual o sujeito enuncia situa-se na formação discursiva da identidade cultural, individualizando, desse modo, cada “berço”. Há nesse caso o acontecimento enunciativo, uma relação de pertencimento a um “lar”, a uma “cultura”, a uma “classe social” que identifica os sujeitos sem nome das fotos em preto e branco.

O diálogo da teoria de Pêcheux ([1982]1997, p.57) - para quem o arquivo é o campo discursivo sócio-histórico de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão – com a teoria psicanalítica que leva em conta o inconsciente, nos permite pensar o movimento discursivo do silenciar e do dizer, do arquivar e do deixar dizeres deslizarem pelas frestas do esquecimento.

Podemos conceber a fotografia como algo que possibilita o acontecimento, a emergência do sentido novo que aflora nos sentidos já trabalhados pela ideologia da transparência e do óbvio. A imagem em “preto” e “branco” denuncia o paradoxo do acontecimento no espaço enunciativo mais amplo - “país” - e no espaço individualizado - “lar”. A cor “preta” remete à memória discursiva da inferiorização, da luta de classes, da desigualdade social; enquanto o “branco” remete à memória discursiva da hierarquização. O “branco” se torna um “pano de fundo” que realça a cor preta, evidenciando a desigualdade social, denunciando o sentido dominante sedimentado, que traz consigo o prestígio e a legitimidade, cristalizando o jogo de poder (ORLANDI, 1996).

Referências

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado, *In Um mapa da ideologia*, Slavoj Zizek org., Rio de Janeiro: Contraponto, p.105-142, 1999.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 12. ed., Rio de Janeiro: Record, 2006.

BARTHES, R., **Fragmentos de um discurso amoroso**, trad. Márcia V.M. de Aguiar, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

BRESSON. Cartier H. Disponível em: <http://fotojornalismojf.wordpress.com/especial/aulas/henri-cartier-bresson/>. Acesso em 30 de setembro de 2011.

FOUCAULT, M. (1969) **A arqueologia do saber**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____, (1971) **A ordem do Discurso**, trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

GREGOLIN, M. **Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades**. Acesso em 11 de abril de 2011. Disponível em <http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/pdf/Maria%20do%20Rosario%20Gregolin.pdf>

LACAN, J., **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

_____, (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LEITE, V., Só há Causa daquilo que Falha, **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n.1, p.77-82, junho, 2005.

MONTE-SERRAT, D. **A tragicidade do sujeito do discurso**. Palestra proferida na Mesa-Redonda “O trágico nas Ciências Humanas”, da II Jornada AD-Interfaces “Os discursos sobre o trágico na contemporaneidade”, FFCLRP-USP, 20 de outubro de 2011.

MUNKACSI, M, **Black boys ashore Lake Tanganyika, Hungary**. Disponível em http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://1.bp.blogspot.com/_wzpxvhgwq3c/S0ftp-awcQI/AAAAAAAAAKO8/UmY0fY7aquI/s400/FP-Martin%2520Munkacsi.jpg&imgrefurl=http://bloguilheu.blogspot.com/2010/01/martin-munkacsi.html&usq=__FWzT8RHBDi8RZpBbP5UvSjsIsoc=&h=400&w=277&sz=30&hl=pt-BR&start=3&zoom=1&tbnid=L3AAV76YtnEmzM:&tbnh=124&tbnw=86&ei=TWnkT9PoJMjD0AGb-pzZCQ&prev=/search%3Fq%3DFoto%2Bde%2BMARTIN%2BMUNKACSI.%2B1929.%26hl%3Dpt-BR%26gbv%3D2%26tbn%3Disch&itbs=1 Acesso em 22 de junho de 2012.

ORLANDI, E., **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**, Petrópolis: Vozes, 1996.

_____, (1999) **Análise de discurso: princípios e procedimentos**, Campinas: Pontes, 7. ed. 2007.

_____, **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**, Campinas: Pontes, 4. ed. 2006.

PÊCHEUX, M., **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, trad. Eni P.Orlandi, Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

_____, Remontons de Foucault a Spinoza. In: **L’ inquiétude du discours**. Paris, Ed. Cendres, 1990.

_____, (1982). Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P.(Org.). **Gestos de Leitura**. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

_____, **Discurso: Estrutura ou Acontecimento?** Trad. Eni P.Orlandi, 5. ed. Campinas: Pontes, 2006.

REY, J.-M., L’épreuve de la psychanalyse, In : CONIEN , B., et al. (Org.) **Materialités Discursives**, Lille : Presses Universitaires de Lille, p.155-161, 1981.

SALGADO, S.; BUARQUE, C., O berço da desigualdade, In “*O berço da desigualdade*”, UNESCO: Ed. Grupo Santilhana, 2006.

TÉRIADE. **Imagens à La Sauvette**: couverture: papier découpé par Matisse. Verve Paris.1952. Citação sem número de página porque obtida pelo e-mail de Jessica Retailleau (jessica.retailleau@henricartierbresson.org) , da Fondation Henri Cartier-Bresson (www.henricartierbresson.org) , 2 impasse Lebouis, 75014, Paris, em 24 de agosto de 2011.

ZIZEK, S., O espectro da ideologia, In: ADORNO, T., **Um mapa da ideologia**, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.